

ALMEIDA GARRETT E AS VIAGENS...*

Tida Carvalho**

RESUMO

Neste estudo tomamos o romance *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, como uma viagem ao revés, em que o autor intercala na narrativa de suas “autobiográficas” viagens, percursos e trajetos alternativos que assinalam o sinal contrário ao movimento secular dos périplos gloriosos desde as viagens do descobrimento.

Viagens na minha terra (Antônio Nobre)

*Ora, às ocultas, eu trazia,
No seio, um livro e lia, lia,
Garrett da minha paixão...
Daí a pouco a mesma reza:
— Não vás dormir de luz acesa,
Apaga a luz!... (E eu ainda... não!)*

*E continuava, lendo, lendo...
O dia vinha já rompendo,
De novo: — Já dormes, diz?
— Bff... e dormia com a idéia
Naquela tia Dorotéia,
De que fala Júlio Dinis.*

*Ó Portugal da minha infância
Não sei que é, amo-te a distância,
Amo-te mais, quando estou só...
Qual de vós teve na Vida
Uma jornada parecida,
Ou assim, como eu, uma Avó?*

* 1º prêmio do Concurso de monografias “A obra de Almeida Garrett” (prêmio CESPUC / Brasil 5/99)

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Almeida Garrett não é um escritor evidente, capturável facilmente. É o que veremos nos caminhos e descaminhos de **Viagens na minha terra**, em que o autor intercala na narrativa de suas “autobiográficas” viagens uma novela em que se representa numa personagem cujo destino seria o seu destino alternativo, como também é alternativo o trajeto desenvolvido na viagem e os olhares a serem intercambiados entre viajantes: autor/narrador/leitor.

No livro **O espelho de Heródoto**, de François Hartog (tradução de Jacyntho Lins Brandão), o autor comenta que o percurso da narrativa de viagem é também percurso de outras narrativas e que “jamais uma narrativa é um aparecimento original” (Cf. Hartog, 1999, p. 302). O sulco de descobertas do Pacífico, por exemplo, antes de transformar-se em escrita, começa recortando a escrita de narrativas anteriores. Do mesmo modo, Cristóvão Colombo embarcou com o livro de Marco Polo, sendo a viagem geográfica, real, alimentada pela ‘viajação’ da escrita. Por isso, a viagem traduz o outro. O olho do viajante baliza o espaço e recorta as zonas mais ou menos conhecidas, já que o que move os viajantes é a “curiosidade”, que é potência dos olhos abertos e submissão à diversidade do mundo. O olho escreve ou, pelo menos, a narrativa quer fazer que se creia nisso, numa relação entre o visível e o dizível.

No livro **Viagem a Portugal**, de Saramago, em certa altura é dito:

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o viajante se sentou na areia da praia e disse: “Não há mais que ver”, sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se viu no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com Sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir. E para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. O viajante volta já. (Cf. Saramago, 1985, p. 233)

Viajar, recomeçar, desdobrar uma experiência, desdobrar-se no mistério de conhecer. Ao viajarmos nas palavras, também viajamos nas palavras que outros teceram, talvez pelos mesmos lugares que são sempre sinuosos porque são sempre vistos por outros olhares. E este olhar sobre as **Viagens** se dará diferentemente no caminho pela cidade, pela “minha terra” de Garrett, porque partimos de um material que já não é o referente Lisboa ou Santarém, mas aquilo que desses lugares se fez em memória, lembrança, narrativa, de tal forma os caminhos já se enveredaram em discursos que engendram viajante e viagem num mapeamento diferente, com outros referenciais, ou em que os velhos pontos ‘turísticos’ dão lugar a caminhos e a registros alternativos, algumas vezes inusitados.

Garrett impõe um novo olhar para a história que começa por uma perversão do modelo expansionista em que Lisboa era o centro dos olhares. Ensina a olhar por uma outra perspectiva – que é física, literal e também evidentemente metafórica.

Ensina um outro percurso para a viagem dos portugueses, aquela que lhe permitirá viajar “com muito prazer e com muita utilidade e proveito na nossa boa terra”. De certa maneira, o primeiro *réquiem* para **Os Lusíadas** se tecia nessa nova proposta onde o “prazer” não estava mais na ficção de uma glória passada, mas na certeza do “proveito” e da “utilidade” dos projetos viáveis. Ao contar as suas **Viagens**, Garrett erige um novo “memorial”, uma outra memória/viagem, diferente da elaborada e transmitida pela poesia épica. A sua “historiografia”, em seu próprio processo, perfaz um outro discurso: um resto, um erro, uma ficção.

Muitas são as ficções de Lisboa e só essas podem ser recuperadas, porque a cidade histórica, a cidade literal, a cidade referencial, essa muda, insere novas paisagens e apaga os vestígios passados que só continuam a existir na memória que os reconstrói, ou na narrativa que os reinventa. Entre história e ficção: **Viagens na minha terra**, numa rota transgressora por um país desde as origens fadado às viagens, desde as gloriosas do tempo dos Descobrimentos, às viagens delirantes construídas com os resíduos/*flashes* das glórias passadas, como as de seus habitantes nem tão ilustres assim, em viagens pela Europa e outros continentes, à procura de trabalho e de algum outro tipo de sonho e glória.

O estereótipo da cidade gloriosa de onde partiam as naus do Império começa a ser pervertido/diluído no séc. XIX por uma nova escrita – não mais épica mas romanesca – que propõe um novo ideário para a narrativa de viagens portuguesas. É isso que faz Garrett com suas “viagens”, situando-as no contexto de sua terra, aquela que fica aquém-mar, desconhecida e abandonada pelos olhos de uma política expansionista que aniquilou a fixação positiva do homem à terra. Chamarei a este viajante/narrador o “jovem” do Restelo, aquele que nas fronteiras ausentes dessa viagem desde já assinala o sinal contrário a um movimento secular dos périplos gloriosos, pois até mesmo n’**Os Lusíadas**, o episódio do “Velho do Restelo” representa um contraponto à glorificação das navegações portuguesas:

*Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
Co’uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas! (Canto IV, estrofe 95).*

Em seu livro **Dialética da colonização** (1992), Alfredo Bosi considera o episódio como o anticlímax da narrativa. Para ele:

*A fala do velho destrói ponto por ponto e mina por dentro o fim orgânico de **Os Lusíadas**, que é cantar a façanha do Capitão, o nome de Aviz, a nobreza guerreira e a má-*

quina mercantil lusitana envolvida no projeto. (...) A viagem e todo o desígnio que ela enfeixa aparecem como um desastre para a sociedade portuguesa: o campo despovoado, a pobreza envergonhada ou mendiga, os homens válidos dispersos ou mortos, e, por toda parte, adultérios e orfanidades. “Ao cheiro desta canela/ o reino se despovoa”, já dissera Sá de Miranda.

A mudança radical de perspectiva (que dos olhos do Capitão passa para os do Velho do Restelo) dá a medida da força espiritual de um Camões ideológico e contra-ideológico, contraditório e vivo (...)

No largar da aventura marítima e colonizadora o seu maior escritor orgânico se faria uma consciência perplexa: “Miserá sorte! Estranha condição!”. (Cf. Bosi, [19--], p. 316)

A essa voz contrária à aventura que Camões pretende glorificar reúne-se a voz do “jovem” do Restelo, que parte de Lisboa e do Terreiro do Paço, onde desembarcavam outrora as riquezas do Império –, e parte também de barco, porque marinheiras eram todas as viagens da tradição lusitana. Mas a similitude se dissimula. O barco não repete as naus, porque não é glorioso e dele não se espera que seja o primeiro numa “regata de vapores” (Cf. Garrett, [19--], p. 44). Esse barco não desce o Tejo, rumo ao “largo oceano”; ele caminha ao contrário, “Tejo-arriba”, para ir ao encontro do “quintal português”, “onde a laranjeira cresce na horta e o mato é de murta” (Idem, p. 43). O barco vai conhecer o Portugal interior, vai acompanhar o narrador na parte inicial de sua viagem a Santarém, viagem pequena, sem glórias, sem adamares nem fogos de santelmo. Mas viagem importante, para dentro de um Portugal a reconhecer, para dentro da cultura, das tradições, para dentro da História. Viagem de explorador que, subvertendo o traçado primeiro, investe em viagens paradigmáticas a se inscreverem na sintaxe do mero deslocamento espacial que a viagem física prometia. Garrett pretende acordar o país da falsa imagem gloriosa que criara para si mesmo ao assinalar irônica e sutilmente o fim da épica dos mares.

Lisboa ocupa espaço estratégico na leitura que faz Garrett do destino português. É de lá que parte, é a ela que retorna, e a imagem que fica da cidade, feita na contramão da ideologia, é a de uma cidade contemplada pelo vagar de um barco a subir o Tejo, na contracorrente do rio e da História. Não mais “a ocidental praia lusitana” de onde os heróis-navegadores partiram para conhecer “os mares nunca dantes navegados”, mas justamente “este majestoso e pitoresco anfiteatro de Lisboa oriental”, que guarda as tradições da “nossa velha e boa Lisboa das crônicas”; uma Lisboa onde tudo é menos “prosaico e burguês, chato, vulgar e sensabor”, a Lisboa da Madre de Deus e das hortas de Chelas.

A um lado a imensa majestade do Tejo em sua maior extensão e poder, que ali mais parece um pequeno mar mediterrâneo; do outro a frescura das hortas e a sombra das árvores, palácios, mosteiros, sítios consagrados a recordações grandes e queridas. Que outra saída tem Lisboa que se compare em beleza com esta? Tirado Belém, nenhuma. E, ainda assim, Belém é mais árido. (Garrett, [19--], p. 39)

Ousadia do narrador que substitui a grandeza épica pela paz bucólica, a praia ocidental pela Lisboa oriental, a Lisboa burguesa pela Lisboa popular, o “grande oceano por achar” pelo “pequeno mar mediterrâneo”, a epopéia do mar pela tradição da terra nesta porta de saída da cidade que tem mais beleza nas suas hortas e nas suas árvores que a aridez monumental de Belém. Afinal não era Belém uma metáfora do projeto expansionista que tornara definitivamente árida a terra portuguesa? (Cf. Silva, 1997, p. 535-544)

Garrett colhe perspectivas que lhe imprimem a consciência da Modernidade, levando Portugal a interrogar-se através da recriação dos seus vultos-mito (Camões, Bernadim Ribeiro, D. Sebastião). Eduardo Lourenço diz: “Mas é sob a pluma de Garrett que pela primeira vez, e a fundo, Portugal se interroga, ou melhor, que Portugal se converte em permanente interpelação para todos nós”. (Cf. Lourenço, 1978, p. 89)

Viajar e dizer a viagem vem a ser sobretudo o que fica: pensar, recordar (ou citar) e ver, em processo de plural e de simultânea enunciação de discursos, a evocação de cenários vistos. Por isso pode-se interpretar a viagem e sobretudo o seu relato como resultado de uma dialética entre aceitação e rejeição. E é nesse tipo de tensão que o “jovem” do Restelo convida a uma viagem de (re)construção de um país habitável por todos. A sua proposta de viagem não é ufanista, ele não espera encontrar ou vislumbrar nenhuma “Máquina do mundo”, mas em meio a Quixotes e Sanchos, faz a tentativa de aprender a viajar na terra, como forma que o narrador encontra para desmontar a máscara de uma resistente mas paralisante grandeza épica, em favor de um discurso/viagem de apreensão de uma nova e possível identidade portuguesa. Este é um dos típicos procedimentos que a estética garrettiana adota para se colocar no singular lugar romântico que é o seu: negar o modelo romântico e, pela negação, configurar uma atitude de rebeldia que é, naturalmente, tipicamente romântica.

Ler as **Viagens** não é o mesmo que ler um romance (que as **Viagens** não são), uma novela (que as **Viagens** também não são) ou um conto de desenlace unívoco – coisa que as **Viagens** rejeitam. Ler as **Viagens** é (deve ser) sobretudo uma aventura entendida como tal, com os seus riscos, com os seus desafios e com as suas descobertas: uma aventura que não se cumpre ordenadamente nem previsivelmente, como se o caminho a seguir (o texto a ler) fosse desimpedido, retilíneo e bem demarcado. Não o é; sobretudo o que o texto das **Viagens** acaba por ser é uma indagação textual e hipertextual vivida antes do tempo. Poeta em tempos de prosa, o autor/narrador empreende uma viagem anti-épica num espaço geográfico e imaginário saturado de outroras épicos e gloriosos. E entre tantos caminhos e descaminhos, a viagem continua sempre. E o viajante volta já.

RÉSUMÉ

Dans cette étude on considère le roman **Viagens na minha terra**, de Almeida Garrett, comme un voyage à l'envers. L'auteur intercale dans le récit des ses voyages "autobiographiques", les parcours et trajets alternatifs qui soulignent un signal contraire au mouvement séculaire des périples glorieux réalisés à partir des voyages des découvertes.

Referências bibliográficas

- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Klick Ed., [19--]. (Col. Vestibular de O Estado de São Paulo).
- GARRETT, A. **Viagens na minha terra**. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].
- LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português**. Lisboa: Dom Quixote, 1978.
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- SARAMAGO, José. **Viagem a Portugal**. Lisboa: Caminho, 1985.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. Ficções de Lisboa. In: GARCEZ, Maria Helena Nery et al (Org.). **O mestre: Antônio Soares Amora**. São Paulo: Green Forest do Brasil Editora, 1997. p. 535-544.